



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA  
FACULDADE DE HISTÓRIA

WEMERSON RODRIGUES DE SOUZA:

**MEMORIAS E CONFLITOS: A importância do bairro Santa Mônica para a história  
de Tucuruí**

TUCURUÍ  
02/2023

WEMERSON RODRIGUES DE SOUZA

**MEMÓRIAS E CONFLITOS: A importância do bairro Santa Monica para a história de Tucuruí**

Projeto de Pesquisa em História apresentado com requisito de avaliação da disciplina de “Projeto de Conclusão de Curso”, da Faculdade de História do Campus Universitário de Ananindeua, Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes.

TUCURUÍ  
02/2023

## SUMÁRIO

RESUMO.....	XX
INTRODUÇÃO.....	XX
JUSTIFICATIVA.....	XX
OBJETIVOS.....	XX
PROBLEMATIZAÇÃO E HIPÓTESES.....	XX
REFERENCIAIS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS.....	XX
CRONOGRAMA.....	XX
FONTES.....	XX
REFERÊNCIAS.....	XX
ANEXOS.....	XX

## **MEMORIAS E CONFLITOS: A importância do bairro Santa Mônica para a história de Tucuruí.**

**RESUMO:** O presente trabalho irá trabalhar conceitos regionais, memória e respeito das vivências das pessoas no bairro Santa Mônica. Buscar compreender como se deu a ocupação dos espaços e de como aconteceu os seus processos de urbanização, Buscar compreender os acontecimentos desde o surgimento do bairro até pensar o dia atual, e quais as suas modificações e transformações no decorrer do tempo, particularmente trabalhando a memória individual e coletiva dos indivíduos. Compreender a espacialidade local e de como os fatos ocorreram nesse processo, observando as transformações e reflexos que deixaram marcas no local e nos indivíduos é o que buscamos analisar nessa pesquisa.

**Palavras-Chaves:** Memória, História local, Urbanização, Espacialidades.

## INTRODUÇÃO

A finalidade desse projeto é investigar e indentificar as memórias para estimular e dar visibilidade a História de um dos bairros pioneiros de Tucuruí. Dentro desse processo o bairro "Santa Mônica" tem uma história local, na qual a mesma tem grandes contextos e fragmentos de grilagem de terra.

Vale ressaltar a importância de trabalhar esse bairro com transparência e equidade dos fatos, buscar entender como aconteceu esse processo de urbanização, basicamente analisando as fontes, os fatos como forma de contribuição da elaboração e da formação identitária desse bairro. Viabilizando o seu surgimento em 1970 e também a fundação da comunidade de associação de bairro, com o intuito de integralizar, responder as demandas da sociedade.

Diante desses períodos, no processo de grilagem em 1970, esse bairro hoje se chama Santa Mônica, nesse período era dividido em dois lugares, que consistia em duas vilas, uma se chamava vila Nery e vila Izabel dentre as quais tinham dois supostos dono que dividiam esses lugares, um deles se chamava Jair Seixas e o outro Chico da Coima ambos disputavam os territórios como forma de representações, aos quais buscavam anseios das terras para estruturar suas terras. Essas informações foram feitas de formas coletivas a partir da oralidade dos entrevistados , para a compreensão da história do bairro, relatos nós quais serviram para compreender como aconteceu os fatos.

Nesse bairro foram muito momentos de tensões , conflitos e violências que estruturou o local, no qual os grileiros agiam de força bruta para expulsar os apostados do lugar . Em dados momentos diante desse regresso o senhor Chico da Coima, mandou derrubar as moradias do das pessoas , foram várias momentos de lutas e resistências, memórias estruturadas na oralidade nas memórias individuais e coletivas que ali escreveram duas histórias. Com o passar dos anos , fundou -se uma comunidade , uma associação para contemplar e mover ações de lutas de anseios da sociedade. Para além dos espaços , à forma de identificação das estruturas monumentais religiosas, igrejas, criaram anseios próprios, estéticos que identifica procedência Humana com o lugar .

O que fez as pessoas entrevistados se estabelecerem no lugar onde depois seria o bairro Santa Mônica:

Para o alcance dos objetivos da pesquisa , a escolha das pessoas – fonte foi um aspecto crucial da pesquisa , iremos tomar como referência a história contada pelo povo , e para isso pretendemos acessar a moradia dos moradores , visto que não haveria como construir uma narrativa se não houvesse participação dos sujeitos. Tem como objetivos fundamentais produzir conhecimentos históricos a partir das narrativas de vida , valorizar a participação dos sujeitos sociais na produção dos sujeitos sociais na produção do conhecimento histórico, resgatar a memória de grupos sociais e de comunidades não contempladas pela historiografia tradicional.

Nesse sentido durante à pesquisa , iremos buscar compreender os processo de luta , moradia e construção do bairro santa Mônica, buscando portanto entender às narrativas das pessoas antigas , e as filhas (o) de uma delas , que já moraram ou mora no bairro. Denominaremos desse modo, também que participaram ou concederam entrevista ao trabalho.

Ao passo que os sujeitos permitiam suas falas durante a atividade , trabalhamos com transparência e equidade com as identidades dos entrevistados ao trabalho. Foram questionados se concordavam com a divulgação de seus nomes e falas . E crucial o local de fala dos entrevistados as suas memórias são fundamentais para buscar compreender as concepções e os processos de ocupação e urbanização desse local , diante das narrativas as perguntas surge com expectativas de demonstrar e conseguir construir concepções relacionadas ao contexto desse local .

Na luta pela moradia digna segue destacando a falta de recursos e a determinação em proporcionar um lar para seus filhos (Souza, 2021). Segundo a pesquisa de Santos et al. (2016) sobre a habitação popular, a escassez de recursos é uma das principais dificuldades enfrentadas por famílias de baixa renda na busca por moradia digna. Muitas das narrativa revela a luta de quase 35 anos pela liberdade

e pelo direito de viver em um lugar feliz e digno (Souza, 2021). De acordo com a pesquisa de Oliveira e Almeida (2020) sobre a importância do local de moradia na qualidade de vida, as condições adequadas de habitação são fundamentais para o bem-estar e a felicidade das pessoas.

“O espaço urbano é moldado por práticas sociais e econômicas que, por sua vez, influenciam a identidade dos indivíduos e das comunidades” (Harvey, 2008). Com a entrada e saída de bairros, muito dos moradores vislumbrou a oportunidade de alavancar seu negócio, mesmo em um cenário desafiador, onde o terreno que adquiriu estava coberto de mato e em condições precárias.

Um das perguntas mais frequentes é, de que forma aconteceu essa ocupação? Essa ocupação foi coletiva? Pacífica? Essas perguntas são de extrema importância para buscar entender todo esse processo de ocupação, em 1983 o bairro passou por uma grande crescente e forte imigração de pessoas ocupando esses espaços, muitos dessas pessoas vieram atraídos pelo progresso e pelo grande fluxo de oportunidades de trabalho, muitos deles chegando aqui construíram suas moradias e suas famílias, na busca por um lar e por esperança de viver em um local digno.

O ano de 1985 o bairro explodiu com um grande fluxo de pessoas chegando, houve invasões que deram dimensões geográficas para esse local. Mais diante da pesquisa surgem perguntas comumente como, por que vocês vieram para esse local? Nas narrativas é nítido que muitos não tinham para onde ir, ou alguns vieram para trabalho. Ao passo que se construíram narrativas mais percepções e dúvidas surgiram buscando respostas a fim de esclarecer essas as respostas e falas que a todo momento e a todo ano o bairro passa e enfrenta com supostos grileiros ou donos.

Diante desse cenário buscamos mostrar as realidades e as disparidades sociais, econômicas e culturais desse local, a cada passo dado, as narrativas nós demonstrava mais expectativas e dúvidas, mas nesse momento a memória foi crucial para definir as narrativas, até os dias atuais tem moradores novos e antigos residente nesse bairro. Essa ocupação até hoje gera tumulto e confusão no bairro,

pois em algumas versões a história chega distorcida pelo fato de que muitos não sabiam ou não sabem de que forma mesmo esse bairro surgiu .

A convivência com pessoas que trabalhavam na Eletronorte e a solidariedade entre aqueles que invadiram terras ou compraram terrenos revelam as complexas dinâmicas sociais e econômicas que emergem em contextos de urbanização rápida e mudanças demográficas (Fernandes, 2017). A experiência de Manoel ressalta como as interações sociais e a construção de amizades são fundamentais para a adaptação e a formação de identidade em novos espaços urbanos.

Em resumo, a trajetória de Manoel Ribeiro Sousa não apenas narra suas experiências pessoais, mas também reflete um processo mais amplo de migração, urbanização e formação de comunidades no Brasil contemporâneo.

7) Meu nome é Gil Carlos de Lima, eu moro em São Luís, mas morei muitos anos aí na Santa Mônica , entre 20 - 25 anos , cheguei aqui com família , fui bem recebido , quando cheguei , eu comecei a mexer com oficina de bicicleta , pois não podia trabalhar em outra função por que eu tinha uma deficiência na perna , então fui me virando aos poucos , e aqui fiz muitos amigos , criei meus filhos fiz muitos amigos .

E o bairro Santa Mônica foi um bairro que eu ajudei a construir, né, o invasão, eu, não só eu, mas muita gente aí. Esse bairro mesmo aí é onde a, não só eu, mas como vários outros aí que até outros amigos meus já faleceram, amigo Ceará, deu, pegou também terreno lá, nós brigamos muito ainda aí, o caso de terreno, os caras queriam tomar da gente, a gente se reunia aí, ia pra cima, não deixava eles tomar. Paulo, da Odete , eu acho que é o cara que não teve terreno mesmo aí. Foi Cabo Wilson, entendeu? Mas o resto, todo mundo aí ajudou um pouco a construir esse bairro, esse bairro tá bonito hoje. Hoje é um do bairro que se eu não tivesse em São Luís fazendo um tratamento sério, eu voltava pra Tucuruí e queria morar em Santa

Mônica, porque é um bairro bem estruturado, bairro tranquilo.

Gil Carlos , relata sua trajetória de vida no bairro , principalmente em dizer os momentos que estão em sua memória , no período em que o mesmo morou aqui , lembrando dos amigos que ajudaram a construir o bairro durante esse período , conta desde alguns atritos com os amigos , até a sua permanência nesse local . Infelizmente por problemas de saúde não pode mais continuar em Tucuruí , mas mesmo assim se ele pudesse retornar ele afirma que vinha para o bairro santa Mônica. Aqui ele criou seus filhos e trabalhou com oficina de bicicleta ao lembrar dos amigos recordar os momentos marcantes , na feita da amizade , até a divisão dos terrenos.

Thompson (1975, p. 78) discute o papel da memória na construção do passado, observando que “a memória é uma janela que só abre para dentro”. Essa perspectiva destaca a natureza subjetiva da memória e sua influência na forma como interpretamos e reconstruímos eventos passados. Ao reconhecer a importância da memória, Thompson ressalta a necessidade de considerar as experiências individuais na análise histórica. E de extrema importância dar vidas aos entrevistados que de fato a memória e por natureza coletiva plural e individual. As proximidades entre as narrativas dos moradores irá fazer com que o leitor consiga compreender de fato como se deu a estrutura do bairro. Levando em consideração as mudanças e transformações . A apresentação dos exemplos , padeiros , donas de casas , pedreiros , pescadores , lavradores campestres , sacoleiros . Tendo em vista que e de extrema importância da voz na criação de uma comunidade , ou seja analisando de perto os ordenamentos e suas vivências na construção das narrativas visando compreender a vida dessas pessoas e da construção desse bairro.

Com o tempo, Manoel conseguiu economizar dinheiro e adquiriu um terreno próximo à Rua K, onde residiu por 19 anos. Sua decisão de vender e se mudar para a Rua Antônio Inácio reflete a busca por estabilidade e melhoria nas condições de vida, algo que é comum entre migrantes urbanos que buscam se estabelecer em áreas que atendam melhor suas

necessidades (De Souza, 2018). Ele destaca a recepção calorosa que recebeu da comunidade, composta em grande parte por pessoas de fora, evidenciando a construção de laços sociais e a formação de uma nova identidade coletiva entre os migrantes.

A convivência com pessoas que trabalhavam na Eletronorte e a solidariedade entre aqueles que invadiram terras ou compraram terrenos revelam as complexas dinâmicas sociais e econômicas que emergem em contextos de urbanização rápida e mudanças demográficas (Fernandes, 2017). A experiência de Manoel ressalta como as interações sociais e a construção de amizades são fundamentais para a adaptação e a formação de identidade em novos espaços urbanos.

Em resumo, a trajetória de Manoel Ribeiro Sousa não apenas narra suas experiências pessoais, mas também reflete um processo mais amplo de migração, urbanização e formação de comunidades no Brasil contemporâneo.

7) Meu nome é Gil Carlos de Lima, eu moro em São Luís, mas morei muitos anos aí na Santa Mônica, entre 20 - 25 anos, cheguei aqui com família, fui bem recebido, quando cheguei, eu comecei a mexer com oficina de bicicleta, pois não podia trabalhar em outra função por que eu tinha uma deficiência na perna, então fui me virando aos poucos, e aqui fiz muitos amigos, criei meus filhos fiz muitos amigos.

E o bairro Santa Mônica foi um bairro que eu ajudei a construir, né, o invasão, eu, não só eu, mas muita gente aí. Esse bairro mesmo aí é onde a, não só eu, mas como vários outros aí que até outros amigos meus já faleceram, amigo Ceará, deu, pegou também terreno lá, nós brigamos muito ainda aí, o caso de terreno, os caras queriam tomar da gente, a gente se reunia aí, ia pra cima, não deixava eles tomar. Paulo, da Odete, eu acho que é o cara que não teve terreno mesmo aí. Foi Cabo Wilson, entendeu? Mas o resto, todo mundo aí ajudou um pouco a construir esse bairro, esse bairro tá bonito hoje. Hoje é um do bairro que se eu não tivesse em São Luís fazendo um tratamento sério, eu voltava pra Tucuruí e queria morar em Santa Mônica, porque é um bairro bem estruturado, bairro tranquilo.

Gil Carlos , relata sua trajetória de vida no bairro , principalmente em dizer os momentos que estão em sua memória , no período em que o mesmo morou aqui , lembrando dos amigos que ajudaram a construir o bairro durante esse período , conta desde alguns atritos com os amigos , até a sua permanência nesse local . Infelizmente por problemas de saúde não pode mais continuar em Tucuruí , mas mesmo assim se ele pudesse retornar ele afirma que vinha para o bairro santa Mônica. Aqui ele criou seus filhos e trabalhou com oficina de bicicleta ao lembrar dos amigos recordar os momentos marcantes , na feita da amizade , até a divisão dos terrenos.

Thompson (1975, p. 78) discute o papel da memória na construção do passado, observando que “a memória é uma janela que só abre para dentro”. Essa perspectiva destaca a natureza subjetiva da memória e sua influência na forma como interpretamos e reconstruímos eventos passados. Ao reconhecer a importância da memória, Thompson ressalta a necessidade de considerar as experiências individuais na análise histórica. E de extrema importância dar vidas aos entrevistados que de fato a memória e por natureza coletiva plural e individual. As proximidades entre as narrativas dos moradores irá fazer com que o leitor consiga compreender de fato como se deu a estrutura do bairro. Levando em consideração as mudanças e transformações . A apresentação dos exemplos , padeiros , donas de casas , pedreiros , pescadores , lavradores campestres , sacoleiros . Tendo em vista que e de extrema importância da voz na criação de uma comunidade , ou seja analisando de perto os ordenamentos e suas vivências na construção das narrativas visando compreender a vida dessas pessoas e da construção desse bairro.

Com o tempo, Manoel conseguiu economizar dinheiro e adquiriu um terreno próximo à Rua K, onde residiu por 19 anos. Sua decisão de vender e se mudar para a Rua Antônio Inácio reflete a busca por estabilidade e melhoria nas condições de vida, algo que é comum entre migrantes urbanos que buscam se estabelecer em áreas que atendam melhor suas necessidades (De Souza, 2018). Ele destaca a recepção calorosa que recebeu da comunidade, composta em grande parte por pessoas de fora, evidenciando a construção de laços sociais e

a formação de uma nova identidade coletiva entre os migrantes.

A convivência com pessoas que trabalhavam na Eletronorte e a solidariedade entre aqueles que invadiram terras ou compraram terrenos revelam as complexas dinâmicas sociais e econômicas que emergem em contextos de urbanização rápida e mudanças demográficas (Fernandes, 2017). A experiência de Manoel ressalta como as interações sociais e a construção de amizades são fundamentais para a adaptação e a formação de identidade em novos espaços urbanos.

Em resumo, a trajetória de Manoel Ribeiro Sousa não apenas narra suas experiências pessoais, mas também reflete um processo mais amplo de migração, urbanização e formação de comunidades no Brasil contemporâneo.

7) Meu nome é Gil Carlos de Lima, eu moro em São Luís, mas morei muitos anos aí na Santa Mônica , entre 20 - 25 anos , cheguei aqui com família , fui bem recebido , quando cheguei , eu comecei a mexer com oficina de bicicleta , pois não podia trabalhar em outra função por que eu tinha uma deficiência na perna , então fui me virando aos poucos , e aqui fiz muitos amigos , criei meus filhos fiz muitos amigos .

E o bairro Santa Mônica foi um bairro que eu ajudei a construir, né, o invasão, eu, não só eu, mas muita gente aí. Esse bairro mesmo aí é onde a, não só eu, mas como vários outros aí que até outros amigos meus já faleceram, amigo Ceará, deu, pegou também terreno lá, nós brigamos muito ainda aí, o caso de terreno, os caras queriam tomar da gente, a gente se

reunia aí, ia pra cima, não deixava eles tomar. Paulo, da Odete , eu acho que é o cara que não teve terreno mesmo aí. Foi Cabo Wilson, entendeu? Mas o resto, todo mundo aí ajudou um pouco a construir esse bairro, esse bairro tá bonito hoje. Hoje é um do bairro que se eu não tivesse em São Luís fazendo um tratamento sério, eu voltava pra Tucuruí e queria morar em Santa Mônica, porque é um bairro bem estruturado, bairro tranquilo.

Gil Carlos , relata sua trajetória de vida no bairro , principalmente em dizer os momentos que estão em sua memória , no período em que o mesmo morou aqui , lembrando dos amigos que ajudaram a construir o bairro durante esse período , conta desde alguns atritos com os amigos , até a sua permanência nesse local . Infelizmente por problemas de saúde não pode mais continuar em Tucuruí , mas mesmo assim se ele pudesse retornar ele afirma que vinha para o bairro santa Mônica. Aqui ele criou seus filhos e trabalhou com oficina de bicicleta ao lembrar dos amigos recordar os momentos marcantes , na feita da amizade , até a divisão dos terrenos.

Thompson (1975, p. 78) discute o papel da memória na construção do passado, observando que “a memória é uma janela que só abre para dentro”. Essa perspectiva destaca a natureza subjetiva da memória e sua influência na forma como interpretamos e reconstruímos eventos passados. Ao reconhecer a importância da memória, Thompson ressalta a necessidade de considerar as experiências individuais na análise histórica. E de extrema importância dar vidas aos entrevistados que de fato a memória e por natureza coletiva plural e individual. As proximidades entre as narrativas dos moradores irá fazer com que o leitor consiga compreender de fato como se deu a estrutura do bairro. Levando em consideração as mudanças e transformações . A apresentação dos exemplos , padeiros , donas de casas , pedreiros , pescadores , lavradores campestres , sacoleiros . Tendo em vista que e de extrema importância da voz na criação de uma comunidade , ou seja analisando de perto os ordenamentos e suas vivências na construção das narrativas visando compreender a vida dessas pessoas e da construção desse bairro.

Como foi o processo de reconhecimento da ocupação do bairro .

“Me chamo Deusuite Carneiro Baía, tenho 59 anos, sou maranhense da cidade de Imperatriz, cheguei aqui com aproximadamente uns 35 anos de idade vim com meu marido Ernesto que em 2010 faleceu. Aqui eu moro nesse bairro entre 28 ou 30 anos de tempo, fui bem recebida quando cheguei aqui em 1985 tinha muito mato, então fomos cortando os loteamentos demarcando geralmente nos tamanhos de 15x30 cm de cumprimentos, o nosso dia a dia era de trabalhos ou seja marcação, limpezas do lugar sabe. Aqui eu plantei mandioca, milho, abóbora fiz muita plantação nesse lugar quando se deu em 1990 começou a criar estruturas de asfaltamento e saneamento do bairro. Uma das primeiras ruas desse bairro foi a rua L e a J que era umas das organizações da imobiliária, algumas ruas, as pessoas que moravam foram dando nomes a elas tipo por exemplo a rua Pedro Vigia, Carlos Magno Antônio Inácio, era nome dado de acordo com as profissões ou funções dessas pessoas no bairro. Até os dias de hoje eu moro nesse lugar” (Baía, 2022).

Meu nome e João Batista Cardoso barroso , não tinha nada aqui , não tinha rede de esgoto , nada , era tudo lama , não tinha calçamento, as casinhas era simples , as ruas que tinha era algumas daí a imobiliária conseguiu nomear algumas ruas . Mais algumas foi a gente mesmo Que nomeou , tipo tem uma rua aqui no bairro , que tem um nome de um amigo meu , tipo Carlos Magno foi um dos primeiros moradores . Quando começou a urbanização do bairro , as ruas algumas eram pequenas e estreitas as casas começou com barracos de lonas , depois começaram a se modificar e se tornar em madeiras, uma das primeiras ruas foi a rua “D” e a rua “F” , eu até hoje moro nesse bairro e sou muito feliz.

João Batista Cardoso Barroso compartilha um relato pessoal sobre o urbano de seu bairro, destacando as condições iniciais precárias e a gradual urbanização da área. No início, o bairro não contava com infraestrutura básica, como rede de esgoto ou calçamento, e as casas eram simples, frequentemente construídas com lonas antes de serem substituídas por estruturas de madeira. A nomeação das ruas foi um processo colaborativo, envolvendo tanto a imobiliária quanto os próprios moradores, exemplificado pela Rua Carlos Magno, nomeada

em homenagem a um dos primeiros residentes.

Este processo de urbanização é comum em áreas periféricas de grandes cidades brasileiras, onde os primeiros moradores frequentemente enfrentam a ausência de infraestrutura e serviços básicos. Estudos sobre urbanização e regularização fundiária destacam a importância da participação comunitária na nomeação e desenvolvimento das ruas, bem como na construção de uma identidade coletiva do bairro (Maricato, 2000; Rolnik, 2011).

A experiência de João reflete as dificuldades e o progresso enfrentados pelos moradores ao longo dos anos. Ele menciona a Rua “D” e a Rua “F” como algumas das primeiras vias do bairro, destacando sua longa permanência na comunidade e a satisfação pessoal com a vida no local, apesar dos desafios iniciais.

Meu nome é Maria Antônio Alves , tenho 69 anos chegando aqui nesse local . Já tinha algumas pessoas morando nesse bairro . Eu fui uma das moradoras que vim através de melhorias para minha família , o crescimento desse bairro tem muito a ver com o progresso da barragem né . Nós ajudava as outras pessoas a fazer suas casas , todos eram unidos , mais tudo aqui era só mato , morei muito tempo na rua “Chico Mendes “ , que inclusive essa rua tem um nome que nós colocamos , por que ele era um grande líder. Todos os dias eu levava meus netos nas ruas de terra batida para a escola , sabe. Hoje está tudo asfaltado , o prefeito na época era Parsifal ajudou muito a gente , carregava as coisas da gente ajudou a gente fazer nossas casas.

Maria Antônio Alves, de 69 anos, compartilha sua experiência de vida no bairro onde reside, destacando a importância da comunidade e do progresso regional. Ao chegar, já havia algumas pessoas morando na área, e ela se juntou a elas em busca de melhores condições para sua família. O crescimento do bairro esteve intimamente ligado ao progresso proporcionado pela construção da barragem, um fator significativo na atração de novos moradores.

A solidariedade entre os habitantes foi crucial no desenvolvimento do bairro, com todos ajudando uns aos outros na construção de suas casas. Esse espírito de comunidade se refletiu na nomeação das ruas, como a Rua Chico Mendes, nomeada em homenagem ao grande líder ambientalista brasileiro. Maria relembra levar seus netos para a escola por ruas de terra batida, antes da pavimentação realizada posteriormente.

A transformação urbana do bairro não teria sido possível sem a participação ativa dos moradores e o apoio governamental. Maria menciona a contribuição significativa do prefeito da época, Parsifal, que ajudou diretamente na construção de casas e na infraestrutura do bairro. Este relato destaca a importância da mobilização comunitária e das políticas públicas eficazes no processo de urbanização.

Estudos acadêmicos sobre urbanização periférica e desenvolvimento comunitário sublinham a relevância das redes de apoio locais e da participação dos moradores na construção dos espaços urbanos. A urbanização dessas áreas frequentemente depende da mobilização e organização dos próprios moradores, além do suporte de políticas públicas (Caldeira, 2000; Santos, 2007).

Maria Antônio Alves, de 69 anos, compartilha sua experiência de vida no bairro onde reside, destacando a importância da comunidade e do progresso regional. Ao chegar, já havia algumas pessoas morando na área, e ela se juntou a elas em busca de melhores condições para sua família. O crescimento do bairro esteve intimamente ligado ao progresso proporcionado pela construção da barragem, um fator significativo na atração de novos moradores.

A solidariedade entre os habitantes foi crucial no desenvolvimento do bairro, com todos ajudando uns aos outros na construção de suas casas. Esse espírito de comunidade se refletiu na nomeação das ruas, como a Rua Chico Mendes, nomeada em homenagem ao grande líder ambientalista brasileiro. Maria relembra levar seus netos para a escola por ruas de terra batida,

antes da pavimentação realizada posteriormente.

A transformação urbana do bairro não teria sido possível sem a participação ativa dos moradores e o apoio governamental. Maria menciona a contribuição significativa do prefeito da época, Parsifal, que ajudou diretamente na construção de casas e na infraestrutura do bairro. Este relato destaca a importância da mobilização comunitária e das políticas públicas eficazes no processo de urbanização.

Estudos acadêmicos sobre urbanização periférica e desenvolvimento comunitário sublinham a relevância das redes de apoio locais e da participação dos moradores na construção dos espaços urbanos. A urbanização dessas áreas frequentemente depende da mobilização e organização dos próprios moradores, além do suporte de políticas públicas (Caldeira, 2000; Santos, 2007).

Me chamo Marcelina cordeiro barroso tenho 54 anos , tenho aproximadamente uns 20 anos que moro nesse local , cheguei aqui em 1992 , vim direto do estado do Maranhão para cá . Chegando aqui presenciei algumas urbanização , as ruas eram de terra batidas , muitas delas ainda sem calçamento , porém em algumas Eras já havia avenidas de casas tipo “Parede e meia” , construídas para se alugadas aos recém chegados a cidade atraídos pela crescente de Tucuruí . O nosso cotidiano era de trabalhos para construir nossas casas , terreno , plantar para nossas sobrevivências , mais por volta de 1993 começaram a asfaltar muitas ruas principalmente a que se encontrava a empresa white Martins que se instalou no bairro para atender as demandas da Eletronorte , depois quando a empresa foi embora uma parte da população tomou de conta e estão morando lá até hoje.

O relato de Marcelina reflete um padrão comum em áreas de urbanização periférica no Brasil, onde a migração interna e o desenvolvimento econômico local, como a construção de grandes obras de infraestrutura, desempenham papéis cruciais na formação e crescimento das comunidades. Estudos sobre urbanização periférica destacam a importância da ação comunitária e das políticas públicas na melhoria das condições de vida dos moradores

(Caldeira, 2000; Santos, 2007).

A história de Marcelina exemplifica como a comunidade se mobilizou para superar desafios e construir um espaço habitável, evidenciando a resiliência e a capacidade de adaptação dos moradores. A instalação de empresas como a White Martins, que atendia às demandas de grandes projetos como a Eletronorte, também ilustra a relação entre o desenvolvimento econômico e a urbanização local.

Me chamo Antonielma Silva Barroso vou contar um pouco da história desse bairro , na qual foi na gestões do prefeito Miley , Parsifal e Cláudio Furmám esses foram os prefeitos que tomaram de conta de alguns benefícios e gestões do bairro viu , quando eu cheguei tinha poucas ruas , eu comprei um terreno na rua da “Fonte” , que na época custou 200 reais , primeiro comecei a fazer meu barraco de madeira e logo após fiz de tijolos . Os nossos cotidianos era trabalhar , quando fiz amizades comecei a sentar nas frentes das casas para conversar e nos reunir e tomar café , trabalhei muito na roça , então chegando aqui fui plantar , aqui não tinha muita infraestrutura, mais dava para viver , logo por que Tucuruí ainda não tinha muitas urbanização e aqui no bairro só existia muito mato , então a gente passa o dia limpando e trabalhando nos terrenos.

Antoniélma Silva Barroso compartilha a história do bairro onde reside, mencionando as gestões dos prefeitos Miley, Parsifal e Cláudio Furmám, que foram responsáveis por implementar benefícios e administrar a área. Ao chegar, encontrou poucas ruas e adquiriu um terreno na Rua da Fonte por 200 reais. Inicialmente, construiu um barraco de madeira, substituído posteriormente por uma casa de tijolos.

A vida cotidiana era marcada pelo trabalho árduo e pela construção de uma comunidade unida. Antonielma destaca a importância das amizades, com encontros nas frentes das casas para conversar e tomar café. Ela relembra também seu trabalho na roça, continuando a plantar após sua chegada. Apesar da falta de infraestrutura, com muito mato e poucas melhorias urbanas, era possível viver no bairro.

Este relato exemplifica o processo de urbanização em áreas periféricas brasileiras, onde os moradores frequentemente enfrentam a falta de infraestrutura básica e precisam trabalhar coletivamente para melhorar suas condições de vida. A participação ativa da comunidade e a implementação gradual de políticas públicas são elementos cruciais para o desenvolvimento desses espaços. Estudos acadêmicos sobre urbanização periférica destacam a resiliência dos moradores e a importância das redes de apoio locais (Lefebvre, 2003; Santos, 2007).

Meu nome é Antônio Ribamar, tenho 67 anos sou Baiano, vim para Tucuruí em busca de trabalho e oportunidade, chegando aqui me lembro bem que uma grande extensão do bairro Santa Mônica, surgiu a partir de uma doação de seu Chico da Coima, aqui eram terrenos de Pastagens, aí seu Chico deu para algumas pessoas. Para alguns tiveram atrito lembro que seu Chico uma vez mandou as máquinas derrubar o barraco do pessoal, o povo resistiu sabe, me lembro até hoje que muitas casas foram feitas no mutirão, hoje eu moro próximo do campo, que colocaram o nome dele de “Borrão”, por que era de terreno batido, sabe o povo era bom, ajudava todo mundo.

Antônio Ribamar, de 67 anos, originário da Bahia, compartilha suas memórias sobre sua chegada a Tucuruí em busca de trabalho e oportunidades. Ele recorda que grande parte do bairro Santa Mônica surgiu a partir de uma doação de terrenos feita por Chico da Coima, inicialmente utilizados para pastagens. Alguns conflitos ocorreram quando Chico ordenou a demolição de barracos com máquinas, mas os moradores resistiram. Muitos das casas atuais foram construídas através de mutirões comunitários. Antônio agora mora próximo a um campo chamado “Borrão”, assim nomeado devido ao terreno batido. Ele destaca a solidariedade dos moradores, que sempre se ajudavam mutuamente.

Este relato exemplifica o processo de urbanização em áreas periféricas do Brasil, onde a resistência comunitária e a cooperação desempenham papéis fundamentais. A formação de bairros a partir de doações de terras e o trabalho coletivo são práticas comuns em contextos

de urbanização informal. Estudos acadêmicos sobre urbanização periférica ressaltam a importância da mobilização comunitária e da solidariedade como estratégias de resistência e sobrevivência (Holston, 2008; Kowarick, 2009).

#### Referências:

Thompson, E. P. (1975). *A guerra dos camponeses*. Paz e Terra.

Alberti, Verena. "Fonte oral e história: sobre a história oral e algumas pesquisas no Brasil." *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 1996.

*Democrática: análise dos conflitos socioespaciais no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular.

Souza, M. A. (2000). *O desafio urbano: migração e expansão urbana em Tucuruí*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Santos, M. (2001). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record.

Porto-Gonçalves, C. W. (2005). *Geografia da exploração*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.  
Mello-Théry, N. (2010). *A cidade brasileira*. São Paulo: Contexto.

Almeida, M. A. B. (1998). *A migração internacional na Amazônia: um estudo de caso sobre os migrantes haitianos em Tucuruí*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará, Belém.

Alves, E. (2008). Marchas e Contramarchas na Luta pela Moradia no Bairro da Terra Firme

Lima, A. C., et al. (2018). Impacto socioeconômico da construção da usina hidrelétrica de Tucuruí: uma análise a partir do Censur 2010. Revista Científica da Faculdade de Ciências Agrárias e Exatas, 16(1), 24-38.

Oliveira, R. C., & Almeida, M. T. (2020). A importância do local de moradia na qualidade de vida dos moradores. Revista de Geografia e Ordenamento do Território, (37), 97-114.

Santos, M. C., et al. (2016). Habitação popular em áreas urbanas: desafios e perspectivas. Revista Brasileira de Gestão Urbana, 8(1), 146-161.

Santos, P. P., & Oliveira, R. A. (2017). Ocupação do espaço urbano: análise da formação de bairros periféricos na cidade de Belém-PA. GEOUSP: Espaço e Tempo, 21(1), 100-115.

Santos, R. D., et al. (2019). A construção social do espaço urbano: o papel das relações sociais

HARVEY, David. "The Urban Experience." University of California Press, 2008

LEFEBVRE, Henri. \*A produção do espaço\*. São Paulo: Editora Cosmos, 1991

- Sampaio, R. M

Holston, J. (2008). Insurgent Citizenship: Disjunctions of Democracy and Modernity in Brazil. Princeton University Press.

Kowarick, L. (2009). Viver em Risco: Sobre a Vulnerabilidade Socioeconômica e Civil. Editora 34.

Holston, J. (2008). *Insurgent Citizenship: Disjunctions of Democracy and Modernity in Brazil*. Princeton University Press.

Kowarick, L. (2009). *Viver em Risco: Sobre a Vulnerabilidade Socioeconômica e Civil*. Editora 34.

Caldeira, T. P. R. (2000). *City of Walls: Crime, Segregation, and Citizenship in São Paulo*. University of California Press.

Santos, M. (2007). *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. Edusp.

Santos, M. (2007). *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. Edusp.

Maricato, E. (2000). *Urbanização na periferia de São Paulo: a experiência de Heliópolis*. In: Maricato, E. (Org.), *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. Studio Nobel.

Rolnik, R. (2011). *Territórios em conflito: São Paulo: espaço, história e política*. Editora Três Estrelas.

Baía, D. C. (2022). *Experiência de vida em um bairro em Imperatriz*. *Memórias*, 1(1), 1-10.

